



DOS SENTIDOS A CONCEPÇÃO DE LUGAR: O “CAMINHO DE SENSações” COMO UMA EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Alex Cavalheiro Moreira¹, <https://orcid.org/0000-0002-4331-6342>

Gabriela Dambrós², <https://orcid.org/0000-0001-9013-4448>

¹ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil*

² Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**

Artigo recebido em 17/06/2021 e aceito em 14/12/2022

RESUMO

O presente texto tem a intenção de relatar e refletir sobre uma prática geográfica promovida com alunos da educação básica. A oficina denominada “Caminho de sensações” foi desenvolvida em um evento do Colégio Municipal Pelotense, em Pelotas/RS. O objetivo da prática consistiu na busca da compreensão de um conceito fundamental da ciência geográfica, o lugar. Através do estímulo dos sentidos do corpo humano, aliado às vivências e memórias dos participantes, a oficina procurou abordar a concepção humanista de lugar, a fim de que as experiências e memórias dos estudantes pudessem ser aliadas da ciência geográfica, no processo de transformação do conhecimento no ensino básico. Dessa forma, após a exposição teórica, os estudantes foram instigados a refletir e registrar em uma folha suas concepções sobre o conceito de lugar. Após esse processo foram convidados a percorrer o caminho de sensações, explorando materiais com o objetivo de estimular suas memórias, através do cheiro, gosto, visão, toque e sons. Com essa prática percebemos que foi possível apresentar uma nova perspectiva de abordagem para o conceito de lugar no ensino de Geografia na educação básica. Além disso, constatamos que com o desenvolvimento desta atividade mobilizamos a sensibilidade e percepção dos alunos possibilitando a construção de um “olhar geográfico” para o seu cotidiano, aspecto fundamental para as aulas de Geografia na contemporaneidade.

Palavras-chave: Lugar; Geografia; Sensações.

FROM THE SENSES TO THE CONCEPTION OF PLACE: THE “PATH OF SENSATIONS” AS A GEOGRAPHICAL EXPERIENCE IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT

This text intends to report and reflect on a geographical practice promoted with students in basic education. The workshop called “Path of sensations” was developed at an event at Colégio Municipal Pelotense, in Pelotas/RS. The objective of the practice consisted in the search for the understanding of a fundamental concept

* Licenciado em Geografia, Universidade Federal de Pelotas, alexcavalheiro44@gmail.com

** Doutora em Geografia, Universidade Federal de Pelotas, gabbydambrós@yahoo.com.br

of geographic science, the place. Through the stimulation of the senses of the human body, combined with the experiences and memories of the participants, the workshop sought to address the humanist conception of place, so that the experiences and memories of students could be combined with geographic science, in the process of transforming knowledge in basic education. Thus, after the theoretical exposition, the students were encouraged to reflect and register on a sheet their conceptions about the concept of place. After this process, they were invited to follow the path of sensations, exploring materials in order to stimulate their memories, through smell, taste, sight, touch and sounds. With this practice, we realized that it was possible to present a new perspective of approach to the concept of place in the teaching of Geography in basic education. In addition, we found that with the development of this activity, we mobilized the sensitivity and perception of students, enabling the construction of a “geographical look” for their daily lives, a fundamental aspect for contemporary Geography classes.

Keywords: Place. Geography. Sensations

DE LOS SENTIDOS AL DISEÑO DEL LUGAR: EL "CAMINO DE LAS SENSACIONES" COMO EXPERIENCIA GEOGRÁFICA EN EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN

El presente texto pretende informar y reflexionar sobre una práctica geográfica promovida con estudiantes de educación básica. El taller denominado “Camino de las sensaciones” se desarrolló en un evento en el Colégio Municipal Pelotense, en Pelotas / RS. El objetivo de la práctica consistió en la búsqueda de la comprensión de un concepto fundamental de la ciencia geográfica, el lugar. A través de la estimulación de los sentidos del cuerpo humano, combinado con las vivencias y recuerdos de los participantes, el taller buscó abordar la concepción humanista del lugar, de manera que las vivencias y recuerdos de los estudiantes pudieran combinarse con la ciencia geográfica, en el proceso. de transformar el conocimiento en la educación básica. Así, tras la exposición teórica, se animó a los estudiantes a reflexionar y registrar en una hoja sus concepciones sobre el concepto de lugar. Luego de este proceso, se les invitó a seguir el camino de las sensaciones, explorando materiales con el fin de estimular sus recuerdos, a través del olfato, el gusto, la vista, el tacto y los sonidos. Con esta práctica, nos dimos cuenta de que era posible presentar una nueva perspectiva de acercamiento al concepto de lugar en la enseñanza de la Geografía en la educación básica. Además, encontramos que con el desarrollo de esta actividad movilizamos la sensibilidad y percepción de los estudiantes, posibilitando la construcción de una “mirada geográfica” para su cotidianidad, aspecto fundamental para las clases de Geografía contemporánea.

Palabras-claves: Lugar. Geografía. Sensaciones

INTRODUÇÃO

Para refletir sobre a utilização de novas metodologias que possibilitem o melhor desenvolvimento das aulas de Geografia na educação básica, bem como a necessidade de aliar as aulas às experiências dos estudantes, compreendendo como a Geografia escolar pode dialogar com essa perspectiva propomos nesta escrita uma reflexão acerca de uma prática geográfica, desenvolvida como metodologia para o ensino e a compreensão do conceito de lugar. A estratégia desenvolvida

buscou aproximar o conhecimento prático e a vivência dos estudantes, do conhecimento científico para fomentar um ensino de Geografia comprometido com a realidade social e científica.

Para elaboração desta prática consideramos necessário preocupar-se com o contexto e a realidade de cada instituição de ensino, bem como a de seus alunos para que se desenvolvam propostas coerentes com um processo de ensino e aprendizagem em Geografia atrelado ao seu cotidiano. Esse fator se apresenta como principal justificativa para o registro desta prática. Na intenção de construir propostas de aulas mais dinâmicas e interessantes à perspectiva do discente, tendo como objetivo, a aproximação do estudante com a ciência e a transformação dos conhecimentos sob uma perspectiva individual e subjetiva.

Nesse sentido, essa proposta teve a intenção de transformar os conhecimentos dos estudantes sobre o conceito de lugar e, ainda, aliar essas reflexões aos aspectos geográficos que possam ser identificados no desenvolvimento da atividade. Para isso, a vivência dos participantes foi o principal vetor para a realização desta prática que chamamos de “Caminho de Sensações”. No desenvolvimento da prática apresentamos o campo de estudo da Geografia com o recorte do lugar, tendo o objetivo de estimular o registro de fatos recorrentes nas vidas dos estudantes estabelecendo relações diretas com a compreensão do espaço geográfico. Os lugares representam inúmeras sensações e aliá-las à construção do conhecimento é significativamente importante para a percepção da análise geográfica, como indicado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Apoiados na percepção de Callai (2005, p. 237), quando expõe que “fazer a análise geográfica significa dar conta de estudar, analisar, compreender o mundo com olhar espacial.” Portanto, a prática teve como, um de seus objetivos, instigar o estudante a unir suas percepções às suas memórias dos locais, evidenciados pelo estímulo dos sentidos do corpo humano, bem como perceber o espaço de forma subjetiva.

Urge nas metodologias de ensino da Geografia práticas que associam a compreensão dos conceitos da ciência com o corpo humano, pois como afirma Serpa (2019, p. 74) “Corpo e lugar estão profundamente imbricados[...]”, na intenção de produzir uma prática escolar que afirme o diálogo com a acessibilidade, no sentido de ampliar as ferramentas utilizadas na transformação dos conhecimentos geográficos e amplie a identificação da Geografia nos mais variados aspectos, nesse caso o corpo. Dar atenção para a presença da ciência geográfica em diversos lugares é além de uma alternativa para a maior discussão acerca dos conceitos, como também um aprendizado para quem se propõe a aprender e ensinar esse componente curricular, promover a “Corporeidade Geográfica” pode agir na ampliação do que é entendido como Geografia. Por isso esse trabalho tem a intenção de se

somar às reflexões, necessárias, acerca da percepção corporal associada às demandas dos currículos. Compreendendo a problemática apresentada por LIMA ao dizer que:

Em geografia, todavia, as pesquisas sobre o corpo ainda são bastante incipientes. Quando muito, alguns estudos neste campo de saber se restringem a enfatizar uma imanência positiva entre corpo e espaço expressa concretamente nas formas da paisagem, investindo-se, em muitos casos, de um pretense vanguardismo, quando não fazem mais do que constatar o óbvio. (2015, p. 2)

O caminho de sensações se constituiu em um percurso com materiais que possibilitaram estímulos aos sentidos do corpo humano – tato, olfato, paladar, visão e audição – para que o estudante pudesse buscar no seu imaginário espaços que tais materiais os remetem. Para que essa busca seja feita, de antemão julgamos necessário a discussão teórica do conceito, tendo em vista uma perspectiva humanista da Geografia a partir de pressupostos fenomenológicos defendidos por Tuan apud. Holzer (2003, p. 120), quando nos diz que o lugar "possui espírito, personalidade, existe um sentido de lugar." Sendo assim, a ideia de lugar que compartilhamos aqui diz respeito a percepção deste conceito como subjetivo e carregado de sentido em muitos contextos. Por isso, o lugar é aqui entendido como uma construção individual e muitas vezes involuntária entre seres humanos, com isso entendemos que o lugar é composto de memórias e assim, é a porção do espaço geográfico que dialoga diretamente com a experiência de cada pessoa. Isto é, um mesmo lugar pode significar diferentes sensações. E são essas sensações, relacionadas aos espaços, que delimitamos como objeto de análise nesta escrita e na prática de sala de aula.

Nesse sentido, dialogamos com Kaercher (2009, p. 227), quando expõe que

A associação de paisagens com as sensações, os sentidos que nos levam aos afetos, aos gostos e dissabores. O cheiro do café lhe faz lembrar o quê? Recorde-se de alguma situação vivida, na infância com algum avô! Para que lugares você foi com essas lembranças? Que reflexões sobre o espaço e a sociedade que nós podemos fazer a partir dessas lembranças? (KAERCHER, 2011. p. 227)

Dentro desse contexto, compreendemos que ao possibilitar aos estudantes ferramentas que possam servir de estímulos aos sentidos do corpo humano, é possível que a partir da memória, cada pessoa, possa ser transportada para um lugar diferente de acordo com a suas vivências e com os ‘gatilhos’ emocionais que cada estímulo sensorial pode causar. Conforme Callai (2005) a Geografia encaminha para a leitura de mundo, e isso deve ser feito em muitos contextos e com diferentes objetivos. Seja através do olfato, paladar, visão, audição ou tato; o que se pode perceber com essa prática é que cada estímulo pode ser aliado ao processo de ensinar e aprender Geografia, trazendo

outros significados para este componente curricular bem como para um dos objetos de análise da ciência, o lugar. E com isso a compreensão do mundo a partir da ótica geográfica. Todo esse aspecto pode levar a uma consciência acerca do mundo, ao compreender como se constitui um lugar é possível desenvolver reflexões mais críticas acerca das relações presentes e produzidas no espaço. Refletindo com Serpa quando expõe que “Pode-se assim afirmar que a dialética espaço-mundo se realiza e se define através da dialética entre lugar e território, tomados como experiências do ser-no-mundo[...]” (2019, p. 73-74)

Essa prática docente além de fomentar o estudo da Geografia no ensino básico de maneira dinâmica e plural, têm a intenção de promover a perspectiva humanista para o ensino de Geografia e suas ideias de análise do espaço. Ao elaborar um material baseado nas sensações e percepções de alguém, está se desconstruindo o pragmatismo metodológico, e colocando o corpo como pressuposto geográfico, levando essa reflexão para os mais distintos conteúdos da área, proporcionando uma reflexão mais aprofundada para o ensino e aprendizagem nas aulas.

A oficina “Caminho de Sensações”: relatos da experiência

A aplicação desta oficina – “Caminho de Sensações” – ocorreu em uma escola pública municipal de Pelotas/RS. O Colégio Municipal Pelotense, é uma importante instituição de ensino da cidade, localizada na região central e possui mais de 1000 estudantes, atendendo todos os níveis de ensino básico e com alguns programas de ensino técnico. A prática ocorreu em um evento chamado “Sábado em foco: Geografia”, neste dia as salas de aula estavam mistas, com estudantes do ensino fundamental ao ensino médio, e o evento tinha a intenção de promover reflexões geográficas a partir de professores, estudantes e entusiastas. A oficina teve a participação de doze pessoas e as idades dos participantes variaram entre 12 e 17 anos e cada um com um contexto diferente, que iam desde diferenças de classes sociais, questões de raça e diferentes formas de perceber o espaço a partir de distintas vivências, a prática teve duração de 60 minutos. Considerando as dimensões da escola, foi possível perceber uma pluralidade de pessoas dentro do ambiente, o que tornou a prática ainda mais geográfica. A fachada da escola pode ser percebida na figura 01.

Figura 01: Colégio Municipal Pelotense



FONTE: Colégio Municipal Pelotense, 2016.

Essa proposta foi inicialmente pensada para ser aplicada no 8º ano do Ensino Fundamental II, a fim de que, através do próprio corpo os estudantes pudessem refletir sobre as Geografias presentes em seu cotidiano e de forma implícita expandir suas perspectivas sobre o estudo da ciência no ensino básico. Nesse contexto, foi adaptada para ser desenvolvida no evento citado, com pessoas de diferentes níveis do ensino básico. Dessa forma, os objetivos desta prática consistiram na busca de uma compreensão mais humanizada acerca de um importante conceito da ciência geográfica, o lugar. Além disso, esperava-se que o grupo escolar pudesse compreender de que forma um lugar se constitui em nossa experiência como ser humano, e de que forma, nós, através da Geografia, podemos aprender com tudo isso.

Compreendendo a necessidade de aliar aspectos que possam ser de fato comuns aos estudantes às teorias que balizam a Geografia escolar e humanista, ter o corpo como vetor para a transformação de conhecimentos é o que de mais comum pode ser observado numa sala, a característica de ser humano, bípede e com polegar opositor, são algumas das questões físicas que nos aproximam. Assim, a elaboração de práticas que possam aliar essas perspectivas é, até mesmo, um processo de democratização do conhecimento – questão que acreditamos ser temática profícua para novos trabalhos – e foi pensando nisso, que propomos esta atividade em um evento de uma escola municipal de Pelotas/RS.

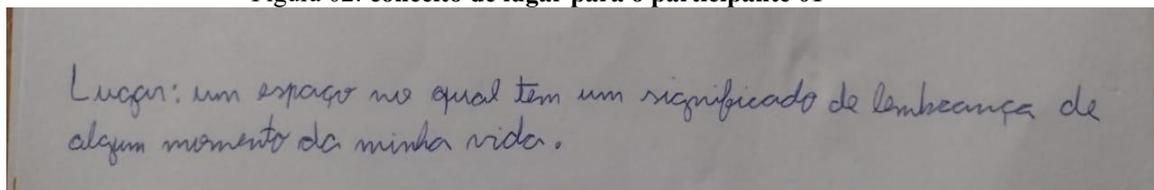
A estrutura dessa oficina seguiu alguns passos que julgamos necessários para o bom andamento das reflexões. Sendo assim, em primeiro momento preparamos a sala para receber os participantes, e com as carteiras construímos um caminho/trajeto. Sob essas mesas colocamos

materiais que seriam os estímulos para os sentidos do corpo humano. Os materiais utilizados foram rochas, álcool, erva mate, trigo e um tambor, cada material teve o objetivo de estimular o tato, olfato, paladar, visão e audição respectivamente. Feito essa preparação do espaço, e após a chegada dos estudantes, partimos para a explanação teórica.

Para que os participantes pudessem ter uma definição do que buscar em suas memórias no momento de passar pelo Caminho de Sensações, foi necessário a explicação da perspectiva e do conceito de lugar que adotamos, que é o principal objeto de estudo desta prática. Compreendendo que “Um lugar é sempre cheio de histórias expressa/mostra o resultado das relações entre eles e a natureza.” (CALLAI, 2005, p. 234) Assim sendo, foi necessário, também, refletir sobre a perspectiva da Geografia que adotamos nesta prática, como mencionado, a Geografia humanista. Por isso, compartilhamos da ideia de Holzer (1999), quando nos explica que o lugar é tomado de experiências e por isso é subjetivo e pode ter distintos significados para quem se propõe a refletir sobre. Para este autor, o “estudo dos lugares” (1999, p. 69) é possível a partir da percepção da relação que existe entre localização, o seu entorno e as experiências que cada pessoa pode ter nesse recorte do espaço geográfico. Ainda para Holzer (1999, p. 69), “Esta relação exigiria mais do que o inventário dos conteúdos da área, ela se refere ao modo de ver o mundo, a seus padrões objetivos, mas também às crenças das pessoas, aos significados subjetivos dos lugares.”

Portanto, nessa prática instigamos os participantes a buscarem em suas memórias os lugares que têm relação com cada material utilizado para estimular os sentidos. Por exemplo, qual lugar vem a sua memória quando você vê o trigo? Ao sentir o cheiro de álcool, qual lugar vem em suas lembranças? A partir da definição do conceito com o grupo, os participantes foram estimulados a registrar em uma folha, anteriormente distribuída, a sua própria definição de lugar, a fim de que em suas palavras o conceito pudesse ser sintetizado. As figuras que seguem demonstram um pouco da percepção dos estudantes que aqui chamaremos de participante 01, participante 02 e participante 03 acerca do conceito.

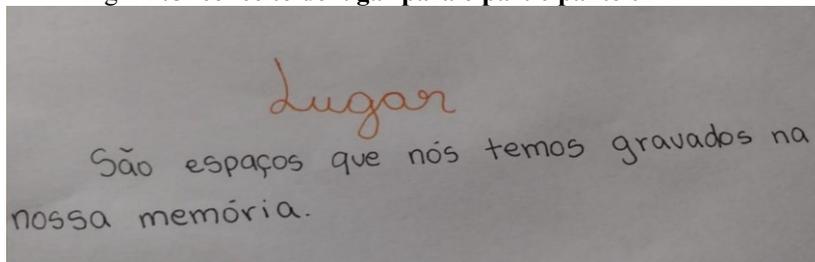
Figura 02: conceito de lugar para o participante 01



FONTE: Os autores, 2019.

Em sua folha o participante 01 entende que lugar é “um espaço, no qual tem um significado de lembrança de algum momento da minha vida”. Vejamos o que entendeu o participante 02 na figura 03, que segue.

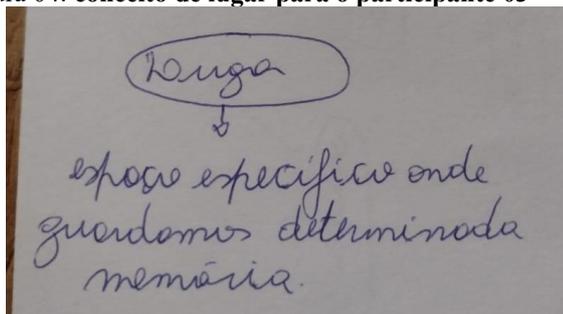
Figura 03: conceito de lugar para o participante 02



FONTE: Os autores, 2019.

Já o participante 02, entendeu que lugar “são espaços que nós temos gravados na nossa memória”. Para finalizar esse momento, veja o que entendeu o participante 03 desta atividade sobre o conceito de lugar.

Figura 04: conceito de lugar para o participante 03

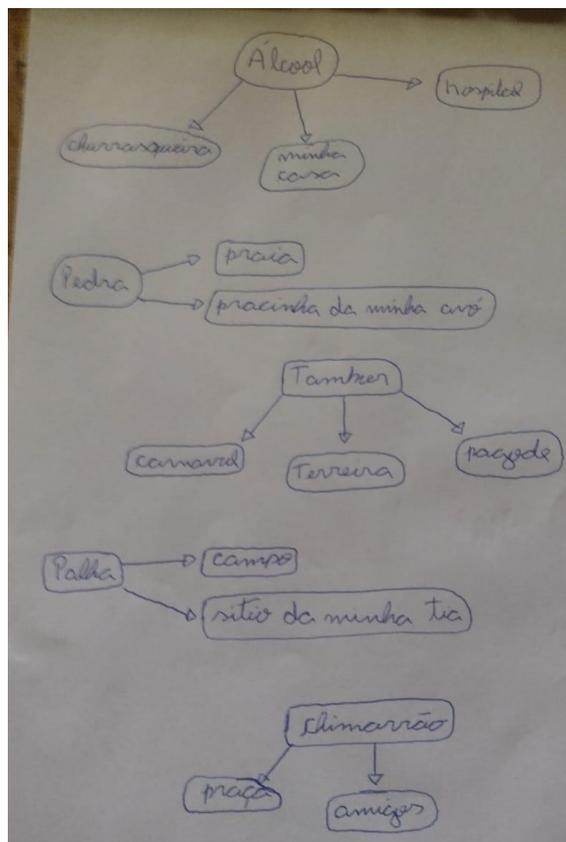


FONTE: Os autores, 2019.

O participante 03 entendeu que lugar é “espaço específico onde guardamos determinada memória”. Nesta breve análise que propomos aqui, temos a intenção de registrar como nessa prática os participantes puderam perceber de forma efetiva a maneira que os espaços se relacionam com suas memórias, experiências e assim, transformam-se em lugares. A ideia de que os participantes passem pelo mesmo caminho de sensações é para demonstrar como o mesmo material pode remontar diferentes experiências na memória dos participantes da atividade. Além disso, conseguimos perceber como alguns estudantes relacionaram o lugar com espaço e por isso, com o ambiente. O que nos lembra uma passagem de Holzer (2003, p. 120) que diz “Este sentido do lugar remete-se à apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente” quando expõe alguns dos sentidos do lugar na perspectiva humanista.

No que diz respeito às funções dos estudantes nessa prática, eles deveriam refletir em conjunto sobre o conceito e em segundo momento foram incentivados, um por vez, a percorrer o caminho de sensações, e buscar em suas memórias os lugares que cada material e cada estímulo propiciavam. Por isso, após o entendimento do conceito, e após percorrer o caminho, esses lugares visitados na memória deveriam ser registrados na folha da forma que eles pudessem compreender e sintetizar suas lembranças ao relacioná-las a lugares com sua percepção geográfica. Um dos registros, do participante 01, pode ser observado na figura 05.

Figura 05: registro dos lugares para o participante 01



FONTE: Os autores, 2019.

Nesta figura podemos observar que o mesmo material remeteu a mais de um lugar para esse participante, e que em muitos momentos, a paisagem cultural está implícita nessas percepções, quando em alguns momentos desta elaboração do participante, podemos observar que alguns estímulos trouxeram em sua memória momentos/lugares de práticas religiosas e culturais, como o samba, por exemplo. Além de práticas cotidianas como ir para praça do bairro, ou visitar os amigos, Callai (2005, p. 234) nos aponta que “é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão

acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando feição ao lugar.” E isto é fundamental para a compreensão de lugar que propomos neste texto. O principal resultado que precisa ser debatido aqui, é a maneira como os participantes puderam perceber o conteúdo geográfico sob outro ângulo, e com isso, é possível que possamos caminhar para concepção do “olhar geográfico” como já mencionado aqui, e na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018).

Estes resultados dialogam muito com os objetivos iniciais desta prática, pois ao analisar essas construções dos participantes, consideramos que a forma como eles conceberam o lugar nesta atividade foi subjetiva e uma busca de cada pessoa nas suas memórias, e por isso consideramos necessário retomar aqui a ideia de Holzer (2003), que nos aponta a necessidade de compreender a subjetividade do lugar e incorporá-lo em nossas reflexões acerca dos conteúdos da Geografia escolar. Ao final deste processo, pudemos construir outras formas de ver a Geografia escolar e uma nova forma de se relacionar com os espaços, buscando a compreensão do que é causado em cada pessoa diante de sua vivência. Além disso, como as características desses lugares podem ser retomados na memória com o estímulo dos sentidos do corpo humano e com o uso de materiais específicos.

Considerações Finais

A aplicação e o desenvolvimento dessa prática possibilitaram uma boa percepção acerca da necessidade de aliar diversas linguagens ao ensino da Geografia na contemporaneidade. Com base em muitos trabalhos já desenvolvidos sabemos o quão importante é aproximar a comunicação das nossas aulas aos conhecimentos dos estudantes, nesse sentido essa prática teve a intenção de conversar de forma dinâmica e plural com as perspectivas da escola. Aliar as percepções corporais, as memórias à Geografia possibilitou, além de tudo, a ampliação das visões dos participantes acerca da Geografia escolar. Com isso, acreditamos que seja de extrema importância tais atividades que promovam a construção do olhar geográfico, como já mencionado algumas vezes neste texto. Após a aplicação percebeu-se a aproximação do diálogo dos estudantes com a ciência geográfica.

No que tange a compreensão do conceito de lugar, entendemos que ao trazer à tona uma ideia humanista da Geografia podemos desenvolver metodologias de ensino que possam dialogar com as experiências dos estudantes. Dessa forma, o entendimento desse conceito, já definido como estruturante da Geografia, de forma subjetiva e plural, traz novas reflexões para o ensino da ciência. A partir disso, acreditamos que é possível humanizar mais as metodologias de ensino, sendo fiel aos conceitos, objetos e objetivos que definem a ciência geográfica. O que queremos expor nessa reflexão final, é que é possível aliar as vivências e perspectivas do grupo escolar à ciência em sua forma já

definida e constantemente revisitada. Através de práticas de ensino que tornem mais evidentes os conhecimentos desse componente curricular, que em muitos momentos é visto de forma enfadonha no ambiente escolar.

Esse tipo de prática faz com que as dinâmicas das aulas sejam fluidas e o ensino ocorra de forma mais efetiva, tornando o discente protagonista no seu processo de transformação de conhecimento. E isso traz outra perspectiva para as aulas, proporcionando um aspecto de grupo para o processo. De maneira implícita, isso faz com que o docente consiga dividir com a turma a grande responsabilidade de pensar e desenvolver suas aulas, pois faz com que a aula só seja possível com a participação efetiva e experiência do coletivo. Tornando o ensino dinâmico, e mais uma vez, plural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, 2018. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> > Acesso em: 03/2021.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

DE LIMA, Elias Lopes. A corporeidade como um recurso metodológico da geograficidade. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 5, 2015 (número especial), p. 1-11.

HOLZER, W. O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: Uma Contribuição Para a Geografia Contemporânea. **GEOgraphia** -Ano V - No 10 – 2003. P. 113-123.

HOLZER, W. O Lugar na Geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. ano IV, n.º 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

KAERCHER, Nestor André. Das coisas sem rosa uma delas é a pessoa: as geografias do Manoel e do Nestor na busca do bom professor. TONINI, I. M.; CASTROGIOVANNI, A. C.; GOULART, L. B.; KAERCHER, N. A.; MARTINS, R. E. M. W. (Orgs.). **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 203-231.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo. Editora Contexto, 2019. 128 p.